



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MOSIAH BRENTANO RODRIGUES

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-371

Entrevistado: Mosiah Brentano Rodrigues

Nascimento: 31//08/1981

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte - UFRGS

Entrevistador/a: Bruna Tomaschwski Perla e Natália Bender

Data da entrevista: 13/11/2013

Transcrição: Natália Bender

Copidesque e Pesquisa: Natália Bender

Total de gravação: 24 minutos e 55 segundos

Páginas Digitadas: 9

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Influência na carreira; Situação da Ginástica no Rio Grande do Sul; Clubes que atuou; Transição entre clubes; Dificuldades que passou fora do eixo Rio-São Paulo; Permanência no Grêmio Náutico União; Edição dos Jogos que participou; Participação como comentarista; Convite para comentarista; Classificação para 2004; Como foi a preparação para os Jogos; Organização dos Jogos; Condições ideias de treinamento; Desdobramentos da participação; Transição de atleta para treinador; Dimensão da participação; Atuação em âmbito regional e nacional; Últimos ciclos Olímpicos; Objetivos para 2016.

Porto Alegre, 13 de novembro de 2013. Entrevista com Mosiah Brentano Rodrigues cargo do pesquisador Bruna Tomaschwski Perla e Natália Bender, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.P. – Bom, primeiramente a gente agradece muito a tua disponibilidade de conceder esta entrevista; o grupo se sente muito feliz, agradecemos muito a tua participação. Bom, nossa entrevista é dividida em três partes, a primeira é a história de vida no esporte, e eu gostaria de começar falando aqui como foi a sua inserção no esporte. Se já iniciou na ginástica.

M.R. – Não. Eu iniciei com seis para sete anos na ginástica, mas eu vim de um projeto de uma escola municipal aqui de Porto Alegre, eu fazia capoeira nesse colégio, o professor era o estagiário na época de Educação Física, ofereceu essa atividade extracurricular no colégio, eu comecei a praticar capoeira, ele viu em mim ali um potencial atleta dentro dessa modalidade, fez uma autorização a próprio punho, levou isso até a minha mãe, para ter autorização para me levar até o clube, ele me levou até o Grêmio Náutico União, fiz um teste lá e enfim, troquei a capoeira pela ginástica artística. Esse profissional, o nome dele era Cleiton¹, hoje é professor de Educação Física da rede estadual, se eu não me engano.

B.P. – Então no caso ele que influenciou na sua carreira.

M.R. – É, foi ele. Se ele não tivesse esse olhar mais aprimorado, ele tinha um amigo já dentro da ginástica artística, que é professor do Grêmio Náutico União, e por isso ele tinha essa afinidade também com a modalidade. A gente já pode observar um pouco da importância do profissional de Educação Física na detecção de talentos. Claro que a promoção desse talento vai acontecer lá no clube, mas a rede de escola é muito pouco utilizada ainda para essa finalidade e acho que pode aproveitar muito mais para... É que eu sou do alto rendimento e vou pensar assim, vou pensar sempre lá na ponta. Mas oferecer esporte para todo mundo vai ser importante também para quem está no alto rendimento.

B.P. – Sim. Como era a situação da ginástica no Rio Grande do Sul quando tu iniciaste?

¹ Nome sujeito a confirmação.

M.R. – Bom, bem diferente da que a gente vive hoje. Não só no Rio Grande do Sul, a gente pode falar de Brasil. No Rio Grande do Sul eu diria até que a qualidade melhorou muito, mas a quantidade piorou bastante. Eu acho quase que na mesma proporção. Por exemplo, naquela época nas categorias de base a gente tinha o União, a Sogipa, até mesmo a Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, o Recreio da Juventude em Caxias do Sul e atualmente quem faz ginástica no nosso estado é o Grêmio Náutico União, só. Tem uns projetos pontuais assim como na UFRGS² já aconteceu, mas que simplesmente são projetos, o projeto tem início e tem fim. Mas quem realmente faz ginástica artística no nosso estado é o Grêmio Náutico União; a Sogipa trabalha mais de forma de lazer mesmo, mais de atividade física, de proporcionar isso para as crianças, mas falando em esporte é só o Grêmio Náutico União. Então a realidade naquela época nesse sentido era muito melhor, agora em termos de qualidade, a nossa ginástica hoje no estado tem títulos que não tinham na época, então a gente conquistou ao longo desse tempo, campeonatos do mundo, Copas do Mundo, Panamericanos, Sulamericanos, isso em todas as categorias. Isso é importante destacar também que a qualidade da ginástica feita aqui no Rio Grande do Sul é muito boa, apesar de ser muito escassa essa matéria prima, digamos assim.

B.P. – Sim. Quais foram os clubes e instituições que você atuou no percurso da tua carreira?

M.R. – Bom, eu entrei no Grêmio Náutico União em 1990-1991, eu acho, e fiquei lá até 1997. Em 1997 eu fui para a Sogipa, fiquei na Sogipa até 2000, voltei para o União. Isso aconteceu porque em 1992-1993 o União trouxe um técnico da Armênia para o Brasil, foi uma iniciativa do clube. Hoje o Brasil faz muito isso, traz técnicos estrangeiros para auxiliar na formação dos profissionais ou no próprio treinamento das seleções principais dentro dos países, mas o União teve essa visão naquela época, então ele trouxe esse técnico da Armênia e fez muita diferença esse profissional na minha carreira, minha formação principalmente na base. E o que aconteceu foi que esse profissional ficou no União até 1996, mais ou menos, e então os atletas começaram a migrar para onde esse treinador foi; ele trocou, saiu do União e foi para a Sogipa, então esses atletas começaram a ir para lá. Eu gostava muito do Grêmio Náutico União, como eu ainda gosto, mas no fim, o grupo fez com que eu também fosse para a Sogipa. Eu fiquei praticamente sozinho dentro do União e

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

entendi que o grupo naquele momento era o mais importante. Fui para a Sogipa, fiquei lá alguns anos, voltei para o Grêmio Náutico União quando esse grupo da Sogipa começou a se desfazer também, então a minha opção foi voltar para onde eu sentia que era a minha origem.

B.P. – Você passou por alguma dificuldade na sua carreira por estar longe do eixo Rio-São Paulo?

M.R. – Certamente. Primeiro essa questão de competitividade. Como eu já falei, o União era o único, a gente ia para o campeonato estadual, por exemplo, podia fazer qualquer coisa que ganhava. Isso a partir da categoria juvenil mais ou menos, então, questões técnicas e questões de apoio mesmo. Na nossa cultura é um pouco mais complicada a questão de investimento, de recurso. Eu tive a sorte de estar no Grêmio Náutico União quase que a totalidade da minha carreira, e o União sempre foi um clube que teve como filosofia ser um clube formador, um clube que apoia dentro das possibilidades de cunho social que a gente sabe que tem as suas limitações. Mas eu sabia que eu podia contar com esse apoio e foi ali que eu entendi que eu podia, dentro do Grêmio Náutico União, chegar aos Jogos Olímpicos, enfim, de conseguir desenvolver o meu potencial. E por isso também eu não quis deixar o nosso estado. Tive convites de São Paulo, do Rio de Janeiro, mas aquela coisa, sem ter muita perspectiva de futuro, então, preferi ficar aqui onde seria o meu porto seguro, digamos assim, ter tranquilidade para poder treinar e me desenvolver tecnicamente pelo menos até onde, não sei se o meu 100%, mas tudo que eu consegui fazer acho que foi feito.

B.P. – E referente à participação nos Jogos, qual edição você participou e de que modo participou?

M.R. – Bom, eu participei dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, eu fui o único representante do nosso país. Depois de doze anos a nossa ginástica masculina voltou aos Jogos Olímpicos, em 1992 a gente teve um representante do Rio de Janeiro, mas ele foi convidado a participar daquela edição, ele não se classificou, o que começou a mudar a partir da minha ida aos Jogos Olímpicos. O que acontece sempre na ginástica ou na maioria dos esportes, no ano que antecede os Jogos Olímpicos, nesse caso 2003, aconteceu

o pré-olímpico nos Estados Unidos. A nossa equipe não conseguiu nenhuma vaga, mas eu individualmente, pela minha competição, conquistei uma vaga, não para o Brasil, mas conquistei a minha vaga, diferente do que aconteceu nas Olimpíadas que vieram, a de Pequim e a de Londres. Então acontece dessa maneira: eu fiquei entre os dez classificados do individual geral que a gente chama, que é a soma os seis aparelhos da ginástica masculina. Fui aos Jogos Olímpicos de 2004, fiz meu melhor resultado até aquela data da ginástica masculina, se eu não me engano era sexagésimo segundo ou quinto, não lembro. Eu fiquei em trigésimo nessa edição e por algumas posições, seis colocações e eu não consegui ir para a final. Mas o nosso grande objetivo naquela época era quebrar esse espaço, que o Brasil não estava sendo representado, isso foi feito, infelizmente para as próximas edições isso foi melhorando.

B.P. – Sim, fora a participação nos Jogos, ocorreu alguma participação em outra edição dos Jogos como comentarista...

M.R. – Mas você está falando especificamente dos Jogos Olímpicos?

B.P. – Sim, só dos Jogos Olímpicos.

M.R. – Assim, eu trabalhei no Sportv em 2008 e 2012. Então foram atuações diferentes, mas foram experiências bacanas, porque em 2008 eu ainda estava treinando e treinando bem, em 2007 eu tinha sido campeão panamericano e, diferente de 2004 que a vaga foi nominal, em 2008 a vaga foi conquistada pelo país, apesar de ter sido só uma também. Então naquele momento o Diego Hipólito tinha uma classificação muito boa no solo e ali a gente viu uma possibilidade de medalha, então, por isso ele foi representando o nosso país, e fez uma final de fato, errou, mas a estratégia foi acertada. Já a minha atuação foi essa, de comentar os Jogos em um canal de televisão e poder contribuir com a minha experiência, tentar passar para quem está assistindo. É um pouco do que a gente vive lá dentro da área de competição e no dia-a-dia nos treinamentos.

B.P. – Sim, e como chegou a participar das edições dos Jogos, foi por convite, de que forma?

M.R. – Desse de 2008 e 2012? Foi convite, como a gente tem uma relação com a imprensa seguida, eles conhecem os atletas, quem foi, quem não foi, então como eu tinha ido para 2004, era o último atleta a ir pra Olimpíada, eles acharam interessante fazer esse casamento, digamos assim.

B.P. – E em relação à participação mesmo em 2004, foi por convite, por competições?

M.R. – Ah, a minha participação em 2004?

M.R. – Não foi... A classificação minha aconteceu da seguinte forma, as oito primeiras equipes no pré-olímpico, elas vão completas aos Jogos Olímpicos no ano seguinte. Da oitava até a décima colocada vão três ginastas por país; da décima segunda até a décima oitava, naquela ocasião levavam, o país tinha direito a levar um atleta e a partir daí só vagas individuais. Os dez melhores atletas do individual geral, que é a soma dos seis aparelhos, claro, os que não estão nas equipes. Então aqui nessas dez vagas foi onde eu me classifiquei, a minha colocação nominal, meu nome estava lá entre os dez melhores colocados, então a minha vaga em 2004 aconteceu dessa forma. Já em 2008 a nossa equipe conseguiu ficar entre a décima segunda e a décima oitava colocação então o país tinha uma vaga. Em 2004 se eu me machucasse ninguém poderia ir no meu lugar, em 2008 se alguém se machuca, o Brasil tinha uma vaga, então foi uma escolha da comissão técnica mesmo, a opção pelo Diego em 2008.

B.P. – Bom, que experiências foram mais significativas na sua participação, tanto positivas quanto negativas?

M.R. – Bom, nos Jogos Olímpicos, primeiro é o objetivo de todo atleta olímpico é chegar a uma Olimpíada, então a minha situação foi um pouco complicada, eu conquistei a minha vaga, estava super feliz claro, mas ao mesmo tempo toda a equipe não estava contente porque estava fora da Olimpíada. Mas uma vez isso superado, eu não lembro de ter feito um ano tão dedicado a algum evento. Foi o ano que eu tive que largar a faculdade, que eu tive que, enfim, direcionar todas as minhas atenções e energias para aquele evento e de fato deu certo assim, porque a minha competição foi a competição da vida, digamos assim. Foi super boa, o evento é feito todo para os atletas que estão lá, então, não é só uma

competição, a cidade, o país, tudo respira aquilo, então, em qualquer lugar que a gente vá, metro, o centro da cidade, a vila olímpica, enfim, tudo é Olimpíada. O país todo interage com aquilo e mais específico na área esportiva, enfim, a Vila Olímpica é uma cidade a parte, tem o seu hospital, a sua prefeitura, seu shopping, sua praça de alimentação, para um atleta é o ideal, porque aquilo funciona para que tu tenha uma condição ideal de treinamento, o teu transporte funciona para isso, a alimentação é para isso, o departamento médico é nosso aliado sempre, funciona para isso então tudo, é aquele ideal que a gente queria ter fora dali. Então, a gente conquista isso quando vai para uma Olimpíada.

B.P. – E referente à carreira pós os jogos, quais os desdobramentos dessa participação?

M.R. – Bom, acho que isso no currículo de um atleta pode sim fazer diferença. Logicamente que ele paralelamente a isso ele precisa se preparar. Não vai ser atleta a vida inteira, principalmente na ginástica, algumas modalidades conseguem ir um pouco mais além, mas enfim, atleta tem prazo de validade. A gente precisa, isso é, mais uma vez eu tive sorte de estar em um clube que tinha essa estrutura, então eu consegui dentro do Grêmio Náutico União não só treinar, eu sempre lá tive parcerias, desde a sexta ou sétima série eu acho, eu estudo com bolsa vinculada ao clube, então o meu ensino médio, a minha faculdade, tudo, só o pós que eu que tive que investir, mas faz parte da vida. Então assim, o pós-carreira tem que ser pensado pela entidade, pelo atleta e pela família dele. Meu desdobramento mais direto foi esse, a minha transição de atleta para treinador dentro da mesma instituição. Esse foi o mais direto e então os meus, pelo menos dois últimos anos da minha carreira como atleta, eu já em outro turno, já tinha a minha equipe, já estava trabalhando, já estava formado, enfim, então eu já consegui fazer essa transição de uma forma mais tranquila, e acho que com qualidade porque eu estou em um lugar privilegiado onde tem profissionais muito bons. Só que isso eu vejo um pouco, não como exceção, acho que é uma palavra muito forte, mas não é um regra ainda. Eu vejo muitos atletas da noite para o dia deixam de ser atletas e não sabem para onde correr, mas tem que começar a pensar um tempo antes, tem que programar quando vai parar para conseguir entender, quando tem que começar a se preparar para essa tua outra etapa.

N.B. – Quando tu voltou para Porto Alegre depois da tua participação nos Jogos, qual foi a dimensão dessa participação, o que mudou na tua vida a partir dos Jogos?

M.R. – Pois é, é muito difícil mensurar esse tipo de coisa, agora claro que... Eu acho que, ter os Jogos Olímpicos assim de bagagem ou no teu currículo, enfim, é um diferencial, é aquele cara que faz faculdade e aquele que faz faculdade e uma pós-graduação. Então é, o ambiente que eu cheguei. É diferente o cara falar é um atleta e é um atleta olímpico sabe, só essa palavra olímpico ela tem uma, não sei, uma... É aquilo que chamam de espírito olímpico, (sei lá não sei), é difícil conseguir realmente não só mensurar, mas conseguir contextualizar tudo isso ai, mas é... Pois é, não sei te precisar assim, o que realmente...

B.P. – Bom, então continuando. Continua atuando no Rio Grande do Sul? Tu relatou que tu continuou na ginástica, e como é essa tua atuação atualmente?

M.R. – A minha atuação foi essa meio natural dentro do mesmo clube, claro que atuo nacionalmente, mas partindo daqui, minha base sempre é aqui. Eu tenho esse grupo de atletas do União, já pensando em competição e são categorias de base, pré-infantil, infantil, juvenil, e auxílio, lógico também aqueles atletas que já estão competindo algumas coisas mais importantes nas categorias principais. Mas por ser um atleta olímpico a gente tem solicitações de diversas, em diversos outros pontos, por exemplo, a questão de comentar eventos internacionais, de ter parcerias com o Ministério do Esporte, por exemplo, que atua no âmbito nacional, a própria Confederação Brasileira, ginásios que abrem pelo país e que gostariam de ter referências dentro daquela modalidade, a gente tem essa oportunidade de ir lá, de conhecer, de tentar auxiliar de alguma maneira, ou de servir de espelho para aquela molecada que está começando, então essa atuação mais ampla, também faço, mas a minha base é o Grêmio Náutico União, é Porto Alegre.

B.P. – Bom, gostaria de contar sobre mais alguma coisa que a gente não perguntou, sobre a história no esporte, a participação nos jogos ou sobre a carreira?

M.R. – Não, eu acho só vou fazer uma linha... Então, dos Jogos Olímpicos, pegando só a minha participação que eu fui lá trigésimo colocado em 2004, em 2008 a gente levou um especialista que foi o Diego Hypólito, ficou em sexto lugar no solo. A nossa equipe já melhorou de posição, por isso que ele foi, para 2012 a nossa equipe ficou uma colocação só de conseguir levar uma equipe inteira, mas já deu um passo grande que foi levar três

ginastas, então, isso mostra um pouco da consistência e da qualidade do trabalho que vem sendo feito nos últimos ciclos olímpicos, e o objetivo para 2016, eu acho que isso vai se concretizar, é levar uma equipe completa e paralelamente a isso os resultados mais pontuais, que a medalha que nos faltava que era a olímpica foi conquistada agora em 2012, e eu acredito sim, que o Brasil possa brigar por algumas medalhas a mais em 2016. Não só aquela crítica que a gente escuta, que o Brasil vai fazer festa para os outros, na ginástica não acredito que seja assim não. A molecada que está treinando realmente está a fim de fazer final, de ganhar medalha, enfim, de ser protagonista disso tudo e isso não é... Faz um paralelo com o investimento que tinha naquela época, com o que tem hoje, não só nos clubes, não só na Confederação, eu acho que a iniciativa do Ministério de apoiar esse pessoal que está na ponta. Agora a pouco eles assinaram o Bolsa Atleta Podium, esses atletas que estão para 2016, isso não é dinheiro só, o importante desse projeto é que eles tem recurso para pagar a nutricionista, para pagar fisioterapeuta, para pagar um médico, para pagar um preparador físico, então, toda aquela estrutura que não existia, pelo menos a alguns anos atrás, ou existia pontualmente lá no centro de treinamento, ou em algum evento, eles podem ter isso agora, faz parte do dia-a-dia. Então isto faz muita diferença, são programas assim que eu enxergo hoje como divisor de águas. Até brinco bastante com amigos meus aqui que também eram atletas na época quando digo: “A gente nasceu na época errada” porque, na verdade, a gente faz parte disso porque a gente lutou muito por tudo isso, então, um dos meus medos também era esse, de ter brigado bastante, ter treinado muito, de ter conquistado, quebrado algumas barreiras e isso não tivesse continuidade, mas hoje eu fico tranquilo porque a molecada que está ai é muito melhor, vai conseguir resultados sensacionais e fico feliz também que seguidamente eles me ligam para conversar, saber de eventos, pedir, saber daquilo, me citam até em algumas matérias. Então se o meu papel de ter sido referência naquele momento foi feito, minha carreira teve o seu valor, digamos assim para o legado do esporte brasileiro.

B.P. – Legal, então a gente agradece mais uma vez a tua participação no nosso projeto.

[FINAL DA ENTREVISTA]